

SEÇÕES

16/04/95

---

*Neste dia de Páscoa*

**Nair Lacerda**

Colaboradora

Senhor!

Neste dia em que o chamado mundo cristão comemora a tua ressurreição, ficamos a pensar longamente em ti, a relembrar tua rápida passagem sobre a terra, a recordar toda a divina humanidade de que se revestiu tua estadia entre os homens.

Do berço ao túmulo, evoluíste em cenário humilimo, confinaste teus passos a um limitado pedaço de chão, pregaste tua palavra oniciente a um punhado apenas de seres, fixaste teus olhos magnânimos somente sobre uma nesga da paisagem terrestre. Ficaste, para todo o sempre.

Antes de ti, e depois de ti, altos nomes soaram, anunciados pelas fanfarras do poder, engrandecidos por ruidosas conquistas. Potentados e príncipes, imperadores e profetas, sábios e santos, guerreiros e poetas. Passaram, todos, e hão de sempre passar, com as vagas incessantes do tempo, na perpétua renovação das coisas e das gentes da terra.

Tu, ficaste. Porque sempre foste, porque já eras, e és, e serás.

Quando, acorrido à entrada da caverna que lhe era refúgio, o homem das primeiras eras erguia os olhos para o céu, enceguecido pelo Sol, ou fascinado pelo mistério da noite, deslumbrado pelo desperdício de estrelas ou impressionado pela carícia fria do luar, um vago desejo crescia dentro dele, e esse desejo eras tu. Desejava-te porque já eras, no alvorecer de sua humanidade, o anseio pelo divino. Porque representavas, talvez, a nostalgia da região esplendorosa, perdida, recuada, muito alta agora para o anjo de asas mutiladas. E foste, daí por diante, a meta procurada, o roteiro ambicionado, o não formulado propósito de evolução, o inconsciente e irresistível encaminhar-se para rumos mais largos.

Porque te procuravam sempre, e todos os caminhos levam à tua gentilíssima presença, ergueram os homens toda a classe de templos, criaram várias formas religiosas, discutiram as mais descontraídas teorias, formularam toda a sorte de hipóteses, chamaram-te em altas vozes, tentaram seduzir-te com mil artifícios, deram-te os nomes mais variados, adoraram-te e negaram-te com o mesmo ardor.

Eras tu quem rugia na voz do trovão, para a gente selvagem. Eras tu quem fulgarava e ardia no fogo dos idólatras. Foste Rama e Krishna, e Smamsh e Ahura Mazda, povoaste o Olimpo com teus múltiplos aspectos, inspiraste Moisés e murmuraste aos ouvidos do Senhor Buda, sob a árvore sagrada. Às margens do Nilo, foste, sucessivamente, Horus e Osiris, Atum e Ra. Lançaste teu hálito sobre a frente de

Confúcio e embebeste de ternura o coração do pobrezinho de Assis. Velaste ao lado dos filósofos, dos que te buscavam como dos que te repeliam, porque é teu o reino do pensamento, são teus os ímpetos da inteligência.

Palpitaste em todas as superstições, vibraste em todas as preces, animaste todos os ideais, símbolo eterno que és do sopro divino que nos anima a todos, cristãos ou hinduístas, filhos de Israel ou seguidores de Cidarta Gautama, discípulos de Maomé ou simples agnósticos, filósofos de todas as escolas ou negativistas convictos, místicos ou revoltados, espiritualistas ou indiferentes.

Tentam, em vão, os homens, aprisionar-te nas folhas dos códigos religiosos, enclausurar-te entre os muros dos templos, trazer-te fechado na rigidez dos dogmas ou na frieza dos relicários. Esfalfam-se para explicar-te, fazem a seu modo a exêgese de tuas palavras luminosas, querem situar-te dentro dos limites da inteligência humana, fixar-te apenas no breve instante em que animaste um corpo perecível.

Mas tu transcendes todos os limites, recusas tudo o que é demarcado e circunscrito. Porque és mais do que Jesus, o homem da humildade, da dor, da paixão, do sacrifício. Porque és o arquétipo do ser soberano que cada um de nós desejaria alcançar. Porque és tudo que de bom, e limpo, e nobre, sentimos latejar em nós. Em acessos periódicos, embora, mas que nos fazem conscientes da tua presença magnânima em nossa alma de peregrinos. Porque és o próprio ideal.

Em nossas misérias e em ~~nossos heroísmos~~, em nossa humildade ou soberba, pequenos ou poderosos que sejamos, há em todos nós um grande fervor de continuação, de sobrevivência, de sublimação, e tu és esse fervor. Há em todos nós um sonho imenso de crescer, subir, quebrar o invólucro de barro e ver brotar nestes ombros findáveis as asas robustas da imortalidade, e esse sonho és tu. Sufocado embora, vive perenemente em nós um anelo de fraternidade, e paz e amor, e tu és nossa fraternidade, nossa paz e nosso amor.

Imagem de tudo o que a nossa inteligência — essa mesma inteligência que te nega — pode conceder de mais belo e mais puro, penhor adorável de uma promessa de redenção, a mais piedosa de todas as tuas infinitas piedades, Cristo e Senhor, é esta de ressucitar sempre em nossa alma. Em nossa alma rebelde, que te conduz continuamente à Paixão e à Morte, mas que não pode negar-te a Ressurreição, porque seria negar a si próprio, coragem para prosseguir em sua existência humana, e fé para afirmar sua origem divina.